

**TOWA, MARCIEN.**  
***A IDEIA DE UMA FILOSOFIA NEGRO-AFRICANA.***  
**TRAD. ROBERTO JARDIM DA SILVA.**  
**BELO HORIZONTE: NANDYALA;**  
**CURITIBA: NEAB-UFPR, 2015.**

**Luís Thiago Freire Dantas**

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná  
Bolsista CAPES

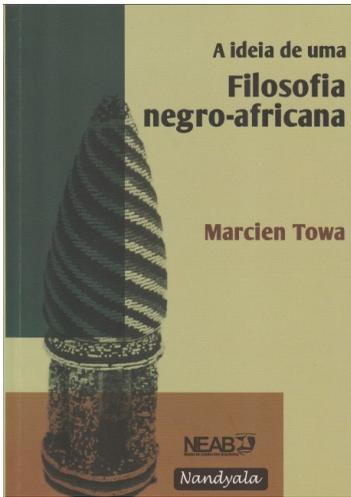
DOI: <http://dx.doi.org/10.21680/1983-2109.2016v23n42ID9682>

Natal, v. 23, n. 42  
Set.-Dez. 2016, p. 299-306

**Princípios**  
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109





A grande parte da vida intelectual do filósofo camaronês Marcien Towa consistiu em um debate acerca do trânsito da filosofia africana na discussão com a europeia, principalmente no que se refere à exposição de um diálogo equânime entre as tradições. Esse movimento impulsionado pela formação acadêmica na *École Normale d'Instituteurs* na França, onde defendeu uma dissertação sobre Bergson e Hegel, permitiu a esse filósofo compreender a necessidade de construir uma série de refutações àqueles

acadêmicos que deslegitimavam a existência de uma filosofia africana. Por essa forma, Towa defendeu a tese de doutorado *Identité et Transcendence*, que tinha como principal crítica as teorias de identidades que reduziriam a filosofia dos povos africanos a uma etnofilosofia<sup>1</sup>, ou entenderiam a contribuição africana somente no plano artístico e corporal, jamais no filosófico e científico.

Após tal tese, Marcien Towa apresentou-se como um dos principais porta-vozes na década de 1970 da defesa de uma filosofia africana, de tal maneira que o autor apresentou uma conferência (“A problemática da filosofia africana atual”) que resultou no livro *A ideia de uma filosofia negro-africana*, que está disponível em português brasileiro por meio da recente publicação realizada pela Editora Nandyala em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná (NEAB-UFPR). Esta publicação implica em um evento especial para a linha editorial filo-

---

<sup>1</sup> De acordo com Marcien Towa, a etnofilosofia seria uma construção colonial que possui a pretensão de julgar a produção de conhecimento de um determinado povo enquanto atrelado à cultura e o exercício de um pensamento subalterno.

sófica no Brasil, pois esse livro contribui para o aprofundamento e conhecimento de teses filosóficas provenientes do continente africano.

No entanto, há um desconhecimento dessa tradição na academia brasileira não somente por causa da linha mercadológica dos grupos editoriais brasileiros, mas também pelas linhas de pesquisa das academias, que impedem um conhecimento de filosofia fora do eixo Europa-Estados Unidos. Como pesquisador, o meu contato com a filosofia africana ocorreu fora do departamento de filosofia, mais precisamente em grupos de estudos promovidos pelo NEAB-UFPR, de que fazia parte também o tradutor desse livro – Roberto Jardim. Tradução cuidadosa no que se refere às construções frasais por respeitarem os limites ortográficos do francês e do português e, por isso, possibilita uma leitura agradável e profunda do texto do livro.

Dessa forma, as primeiras leituras de *A ideia de uma filosofia negro-africana* permitem uma série de reflexões motivadas pelo próprio título, pois, acompanhando a tradição moderna europeia, “ideia” refere-se a um conceito que pretende apresentar o aspecto primordial de um objeto a ser investigado. E o objeto a ser investigação, ao que parece pelo título da obra, concerne à expressão “negro-africana”, já que pode incitar a pergunta: Por que não apenas filosofia africana? A resposta pode ser retirada no seguimento das leituras dos capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “A Filosofia e seus problemas”, encontramos descritas três seções nas quais o filósofo Marcien Towa inicia a problemática sobre a filosofia africana: a concepção de Filosofia, a dimensão prática e a multiplicidade de filosofias. Dentro dessas três seções, a principal investigação direciona-se ao que o autor explica como sendo a particularidade da atividade filosófica: “a ideia de que a filosofia é a coragem de pensar o Absoluto” (p. 17). Esta definição de filosofia aparenta uma continuação de uma linha filosófica que justamente impõe o ato de filosofar como pertencente a único povo, entretanto, Towa retoma o concei-

to de Absoluto para precisamente destacar que o ser humano seria o único entre os seres vivos que exerceriam a atividade do pensamento, que teria o sentido de “pesar, de discutir as representações, as crenças, as opiniões, de confrontá-las e de examinar os prós e os contras de cada uma” (p. 17). O contrário disto, para Towa, seriam crenças que impõem ao ser humano a submissão das individualidades diante de um homem ou de um deus em particular.

Por tais aspectos, a dimensão prática da filosofia, para o autor, também a distinguiria da ciência, pois esta teria como característica um caráter mais restrito e uma preocupação com a neutralidade ética e ideológica. Por isso, o cientista não orienta as pesquisas para o campo social e para as normas pelas quais a sociedade deve se dirigir. Já a tarefa da filosofia seria uma visão em conjunto da realidade, de quais são os construtos teóricos que permitem pronunciar-se sobre os valores, as normas e a realidade.

No segundo capítulo, “A filosofia africana: mito ou realidade”, Marcien Towa constrói as seções tendo como principal problematização o obstáculo para a legitimação da filosofia africana: o racismo colonial. Esse racismo, para Towa, atua através de um silogismo que pretende normatizar o humano e também construir limites diante da própria concepção de humanidade:

O homem é um ser essencialmente pensante, racional.

Ora, o negro é incapaz de pensamento e raciocínio. Ele não tem filosofia, ele tem uma mentalidade pré-lógica etc.

Portanto, o negro não é verdadeiramente um homem e pode ser, legitimamente, domesticado, tratado como animal. (p. 27).

Na análise desse silogismo, Marcien Towa explica que, por exemplo, utilizarmos uma palavra de origem africana para nos referirmos ao saber que busca os princípios da humanidade no intuito da não utilização da palavra europeia “filosofia” não abalaria em nada o silogismo construído pelos ideólogos do imperialismo europeu, pois, mais importante do que a modificação do

termo “filosofia”, é caracterizar a filosofia enquanto um tipo de produção epistêmica presente nos povos dos países africanos e a possibilidade de um intercâmbio de ideias com os povos da Europa e de outras partes do globo. Então, para o autor, o pensamento filosófico não é algo estranho a qualquer sociedade: “aquelas em que não se manifesta a reflexão filosófica parecem mais antifilosóficas que verdadeiramente afilosóficas” (p. 28). Por exemplo, Towa argumenta que civilizações como a hebraica teriam em si uma posição contrária à filosofia, visto que o dogmatismo seria preponderante em todos os setores da sociedade de tal maneira que o mito do pecado original denota uma resistência ao discernimento racional que constrói suas justificativas através de si mesmo sem recorrer a uma instância transcendente.

Para justificar como no continente africano há uma tradição crítica de pensamento, Towa detalha através da mitologia egípcia e dos contos populares camaroneses esta divergência com relação ao dogmatismo. No que se refere ao pensamento na época do Egito faraônico, Towa aponta para três características: a preocupação com a síntese de todos os valores sem excluir aquilo que aparece como diferente; a identidade entre o homem e deus; e a racionalidade como norma suprema do comportamento. Das três, vale destacar a primeira, pois o autor explica que, na multiplicidade do panteão egípcio, por mais que houvesse um conflito entre os deuses, estes se constituiriam enquanto membros de um só corpo. Isso poderia ser observado no entendimento de que os mortos comparecem diante dos quarenta e dois deuses confessando a cada um a própria inocência, “pois no fundo, todos esses deuses são apenas um único e mesmo deus, e o grande deus não é um mestre que comanda os servos, mas um *primus inter pares*” (p. 33).

Dessa maneira, a aplicação das normas relaciona-se com a *Maat*, deusa egípcia do equilíbrio, que inspira à conduta egípcia exatidão e medida correta aplicada à verdade, à justiça e à ordem. Os princípios de *Maat* não se apresentam como um código vindo do céu como os mandamentos judaico-cristãos, mas impõem um

dever ao Rei de manter na vida social a ordem, a justiça e a honestidade, e, para o homem comum, tem como consequência o respeito a tais regras no relacionamento com os outros homens e o controle das paixões.

Ao lado disso, na denominada região da “África negra”, os contos populares expõem a variedade filosófica africana, cuja “preocupação principal parece ser ensinar a astúcia, a prudência e a reflexão” (p. 39). Assim, os ciclos de Kulu-a-Tartaruga, de Leuk-a-Lebre e de Guizo-a-Aranha mostram, conforme explicação do autor, que, para o ser humano sair vitorioso dos diversos conflitos presentes na própria vida, necessita utilizar a inteligência. Tais ciclos, por enfatizar o uso da astúcia e da sagacidade, indicam que, ao seguir somente pela credulidade, pelo sobrenatural ou pelo mágico-religioso, prolifera-se estupidez. Por outro lado, esses contos, por mais que explorem símbolos da inteligência como Kulu ou Leuk, há uma preocupação de refutar qualquer menção a seres perfeitos, devido ao interesse de ensinar que a sabedoria nunca alcança a perfeição e, nós, humanos, estaríamos a todo instante aperfeiçoando-nos. Por isso, “o pensador da África negra tradicional e o pensador Egípcio estão de acordo em recusar a onisciência e a perfeição ética a um ser qualquer” (p. 48), e a capacidade de adquirir-la diferencia os humanos pela quantificação de grau maior ou menor.

No terceiro capítulo do livro, “Os problemas de uma filosofia do nosso tempo”, Marcien Towa problematiza os impedimentos para fortalecer a filosofia africana. Tal capítulo apresenta uma referência direta à produção filosófica africana por meio de seus filósofos e filósofas, que erroneamente poderia sugerir ao leitor e à leitora brasileiros ser endógena a atividade de tal filosofia, isto é, que apenas poderia refletir a filosofia africana no interior do continente africano. Mas, ao contrário, proporciona a nós o entendimento de como realizar o pensamento filosófico fora das orientações europeias coloniais e exercer o pensamento filosófico desde a nossa

localidade. Para isso, Marcien Towa elenca seis elementos para a produção da filosofia em África, dentre os quais dois se destacam.

Inicialmente, interroga acerca da “condição atual”, pois a colonização construiu um inconsciente de passividade, de modo que “o colonizado acaba aceitando sua nova condição e colaborando com sua própria exploração” (p. 57), uma vez que, para o imperialismo, o importante é que o colonizado compreenda-se como merecedor de tal destino. E, para constituir-se oposição ao colonialismo, importaria para os filósofos africanos compreenderem o “nosso objetivo”, conforme explicação de Towa, de libertarmos-nos por meio de um movimento anticolonialista em que o inimigo não se personifica em somente um estrangeiro, mas no interior da própria sociedade através de “todas as forças (homens, instituições, estruturas sociais, costumes, crenças) que foram e são, ainda, seus cúmplices, todas as lacunas que facilitaram sua ação” (p. 58).

Na discussão desses elementos, Towa retoma o conceito de Absoluto e podemos entender que o sentido desse conceito aproxima-se de uma ressignificação marxista: “O Absoluto não será mais um dogma opaco, um fantasma misterioso, mas o homem concreto, suas necessidades e suas aspirações” (p. 69). Por meio desse aspecto, esse conceito torna-se fundamental para refutar o Ocidente imperialista por tratar a revolução como condição de todo renascimento cultural, uma vez que “a revolução destrói a relação colonial de forças e coloca, de novo, o povo colonial em posição de fazer escolhas” (p. 70). Além disso, para o autor, a filosofia africana necessita da revolução justamente pelo fato de “que é preciso opor[-se] ao racismo colonial, às armadilhas ideológicas do neocolonialismo e à ofensiva do dogmatismo das mitologias semíticas” (p. 75) com a intenção de reconquistar e reafirmar a identidade humana.

Ao fim do livro há uma seção de “Debate” que se refere às críticas que Towa precisou responder após o término da conferência que resultou nesse livro. O leitor e a leitora não podem deixar de ler tal debate, pois nele encontramos críticas primordiais à filosofia

de Marcien Towa. Entre tais críticas, contesta-se que, sob certo aspecto, ainda há uma referência direta aos modelos da tradição europeia que o autor pretende refutar. Por exemplo, o antropocentrismo que impõe o “homem” como centro do universo dos seres humanos e não-humanos, e ainda, o rompimento quase instantâneo entre a filosofia e o mito que, no século XX, uma variedade de filósofos e filósofas sustentam não ter sido tão integral.

Não obstante tais posições “conservadoras” do autor, a filosofia de Towa permite a compreensão de que a tradição africana não possui apenas um sentido filosófico, mas há vários e muitos estão em conflitos. Por esse aspecto, os argumentos presentes no livro *A ideia de uma filosofia negro-africana* podem incentivar uma entrada na busca de filosofias no interior da filosofia africana.

Resenha recebida em 20/06/2016, aprovada em 8/09/2016